

CARTA DE ANTONIO CANDIDO

CARTA DE ANTONIO CANDIDO enviada a João Alexandre Barbosa em 14 de janeiro de 1963. Trechos principais, incluindo o programa elaborado pelo Professor para a (então) recente disciplina de Teoria Literária da Universidade de São Paulo.

“No ensino oficial de São Paulo, a Teoria da Literatura foi, se não me engano, iniciada na Faculdade de Assis, em 1959, como parte do plano do seu Diretor, Professor Amora. Não havia professor titular. A matéria foi dada no 1º Ano como Introdução aos Estudos Literários a quatro mãos: o professor de Literatura Brasileira deu elementos de erudição, história literária, etc.; o de Literatura Portuguesa deu Análise de Texto. [...] Em 1960 o curso foi atribuído a um titular (Jorge de Sena), já como parte de uma cadeira denominada Teoria da Literatura, que lá existe ainda a cargo de um professor português (Mendonça). Ela existe também em Araraquara, desde 1961 ou 62, a cargo de Adolfo Casais Monteiro.

Em São Paulo, na Universidade, Faculdade de Filosofia, foi estabelecida como Curso de Teoria Geral da Literatura, enquanto se aguardava a criação da Cadeira com o mesmo nome, em 1961. O pedido de criação de cadeira foi feito à Congregação em 1959 por um grupo de professores, que

alegaram a necessidade de estabelecer estudos gerais introdutórios e estudos teóricos especializados. [...] Eu rejeito o curso desde o seu estabelecimento, e no decorrer de 62 propus que passasse a se denominar Teoria Literária e Literatura Comparada, e fosse elevado a Disciplina [...].

A fim de verificar a viabilidade, eficácia e aceitação do Curso, pedi que fosse considerado totalmente facultativo em todos os níveis, e assim tem sido. [...]

Os cursos despertam interesse. O do 1º Ano, sendo facultativo, foi seguido talvez por mais da metade dos inscritos nos cursos de letras, que o reputam importante para a iniciação. Este curso introdutório é mais ou menos fixo, e vai mudando aos poucos cada ano com a experiência.

Quanto aos professores, uns o julgam indispensável, outros completamente inútil, e acham, mesmo, que o encarregado interfere com atividade que cabe a cada professor, qual seja a de definir os métodos e pontos de vista [...].

Neste ano a situação mudou com a revisão curricular, alguns professores estabeleceram Teoria Literária como obrigatória na 1ª série [...]. Em São Paulo a situação evoluirá num sentido de importância crescente, com a criação, já aprovada, de um Departamento de Teoria Literária e Artes (p.ex.: Teoria e História da Música, História e Estética do Cinema, Literatura Dramática, História da Arte, Estética Geral, Teoria da Literatura. [...])

Naturalmente muito depende do professor. É uma matéria que facilita as generalizações, e arrisca levar a nada. Se houver entendimento entre ele e os alunos [...], ela pode ser um excelente instrumento de iniciação, fornecendo esclarecimentos úteis para compreender o fato literário, amar a literatura, situá-la na vida e no estudo de cada um, aprender certos processos básicos de trabalho. Neste sentido, pode-se imaginar um curso meramente prático, que ensine a fazer fichas, anotar leituras, procurar a bibliografia, conhecer as obras de referência, fazer análise de textos, etc. Ou um curso geral, que diga o que é literatura, o que é gosto, o que são gêneros, etc. Acho os dois incompletos, e optei por uma mistura, como se verá pelo programa anexo. Falo sempre do 1º Ano. Nas séries finais, impõe-se o curso monográfico ou o seminário em torno de problema.[...]

PROGRAMA

Introdução ao estudo de literatura

Programa para o 1º Ano em 1963 (quase igual ao de 62)

1 aula semanal

1. Natureza da literatura

- (a). sua universalidade
- (b). suas modalidades
- (c). sua função

Mostra a universalidade, indicando literatura oral e escrita, a correspondência a necessidades profundas do homem para a ficção, o devaneio, mas também para a interpretação e a ação sobre o mundo através dela. Fala-se da função da literatura no ensino, entra-se com uma teoria minha (!) do conhecimento literário como plural e hierarquizado conforme as camadas da significação. Donde a pluralidade do seu efeito, etc., etc.

2. Os fatores externos da obra

- (a). sociais
- (b). culturais
- (c). psíquicos

É uma sociologia e uma psicologia da literatura. Mostra a sua ligação com a estrutura social, a sua dependência dos meios de comunicação, o seu caráter representativo ou não, a sua relação com a pessoa do criador, a sua expressão de realidades profundas do ser, etc. Uso um meu escrito sobre Arte e Sociedade, mais outras coisas; em psicologia, Freud e psicologia social.

3. Os fatores internos

- (a). normas
- (b). gêneros
- (c). estilo

É o estudo das leis de produção e definição da obra. Fala-se da especificidade do fato literário que não pode ser compreendido no nível anterior, mas que só se completa pelo que tem de seu, e que está contido

no trabalho de enquadramento ou utilização ligados a este nível interno (v. Wellek, Audiat, Picon, etc.). A literatura anterior e posterior à subversão dos gêneros. O estilo, antes, como dado, agora, como obtido, como criação e não como adoção, etc. Vários exemplos comentados de estilos. Posição cética mas não negativa em face dos gêneros (crítica a Croce, etc.)

4. O destino da obra

- (a). fortuna no tempo e no espaço
- (b). influências entre as obras
- (c). influência na vida

Uma vez pronta, como se “comporta” a obra. Aceitação, rejeição, voga, moda, influências (lit. comparada entra também como vaga noção), etc. Inf. nos costumes, na sensibilidade (tb., “imitação da arte pela vida”), etc.

5. Modos de estudar a obra

- (a). erudito
- (b). histórico
- (c). analítico
- (d). ensaístico

Aqui entra o problema de como se estudam as obras. Noções de erudição (crítica, autoria, autenticidade, etc.) Exemplos vários. História Literária. Períodos, gerações, etc. Crítica propriamente dita (ensaio, apreensão global, etc.). E sobretudo, largo desenvolvimento do item c., em se tratando de “ensino” de literatura para eventuais professores. Ele aborda e exemplifica a análise de textos, sob a forma tradicional dos franceses e mais a contribuição de cada um. Aí é a hora de tomar um poema, um trecho em prosa, e mostrar como se manipula o bicho, trazendo à baila todas as noções anteriores: sociológicas, históricas, biográficas, estéticas, e treinando o aluno por meio de exercícios progressivos. [...]

Passando rapidamente aos cursos adiantados. Em 1961 e em 1962 dei um sobre romance, com programas mais ou menos iguais. Na primeira vez, expus durante o 1º semestre a parte teórica e apliquei no 2º as noções ministradas em uma análise bastante aprofundada sobre *Senhora*, de Alencar.

Como parte do curso promovi seminários e debates sobre o problema da personagem: do ângulo filosófico (Anatol Rosenfeld), do teatro (Décio de Almeida Prado) e do cinema (Paulo Emílio). No ano de 62 espiciei a parte teórica um pouco mais, e exemplifiquei com *Fogo Morto*. Além disso, os alunos devem fazer trabalhos de análise sobre romances escolhidos, a fim de demonstrarem autonomia no aproveitamento.

ENSAIOS

